

Um bairro que veio da Copa

O nome Novo México surgiu de uma homenagem ao tri-campeonato da Copa do Mundo, na década de 70

Nem todos que andam pelas atuais ruas de Novo México imaginam que, há algumas décadas, morar no bairro representava uma aventura. Quem viu a região crescer não esquece as dificuldades dos primeiros anos.

O bairro surgiu na década de 70 a partir de um conjunto habitacional promovido pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Nesta época, o Brasil disputava o tri-campeonato da Copa do Mundo do México. O fato acabou dando origem ao nome do bairro.

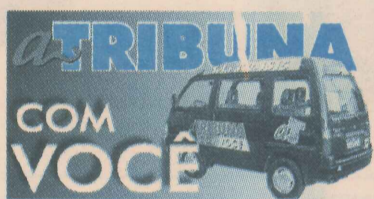
Para andar pela região, os moradores caminhavam em trilhas de barro feitas sobre a areia. Os moradores mais antigos lembram dos transtornos gerados pela falta de transporte coletivo. A linha de ônibus mais próxima ficava no Ibes.

"Para chegar lá, eram gastos de 20 a 30 minutos caminhando tanto para ir quanto para voltar. Aliás, o ponto era onde o ônibus quebrasse", lembrou o aposentado Sebastião de Sousa Sobrinho. Em tempos de chuva, o sufoco era maior.

LAMA

"Para proteger os sapatos, os moradores usavam galocha, do contrário, era preciso lavar os pés no Posto de Gasolina do Ibes. As pessoas conheciam os moradores de Novo México somente por causa da lama nos pés", brincou o morador José Humberto Intra.

Para se chegar a Vitória era necessário passar pela Ponte Florentino Avidos, em São Torqua-



to, quando não existia a Segunda Ponte. Os congestionamentos que começavam em Cobilândia ainda estão na memória dos moradores.

"Chegávamos a ficar uma hora parados no trânsito. As viagens de ônibus passaram a ser o principal ponto de encontro dos moradores", lembrou a Amarílis Intra.

Da dificuldade acabou surgindo amizades. "As pessoas contavam piadas, e alguns passageiros até ganharam apelidos", lembrou Humberto.

Nos primeiros anos, as casas eram todas iguais devido ao padrão das construções. A dona de casa Lídia Lira Santos lembra da confusão gerada pela semelhança das moradias. No ano de 1974, "certa noite, um bêbado bateu à minha porta para pedir ajuda porque não conseguia achar sua casa. Foram três horas até encontrar a residência do senhor", contou.

Embora as casas tivessem encanamento, a água somente chegava de madrugada. Durante seis meses, a doméstica Elza Forechi Pereira, precisou buscar água no bairro Santa Inês. "Era lata de água na cabeça 20 vezes por dia", lembrou.

Jovens talentos no palco

No bairro Novo México, jovens talentos transformam a música em instrumento para ecoar as marcas de uma geração.

Sem se aprisionar a um estilo, mas combinando expressões do reggae ao rock, "Sasquatch" nasceu no embalo da empolgação de tocar e cantar. A diversão virou coisa séria projetando a banda em diversos

O nome, que causa uma certa estranheza, empolgou a turma mais pela sonoridade do que pelo sentido real do termo, cujo significado é "pé grande". Os integrantes da banda são Hen-

rique, Gláucio, Anderson, Fabrício e Daivison, respectivamente, vocal, guitarra, guitarra, contra-baixo e bateria.

Para o vocalista Henrique Brechiane Moreira, a banda não tem a função de resgatar estilos, mas criar novas tendências.

Nas composições, as impressões de uma geração. "Tanta Incompreensão", por expmplo, fala sobre a fragilidade individual diante das injustiças sociais.

A banda se apresenta hoje às 22 horas no Centro Esportivo da Escola São Judas Tadeu, em Coqueiral de Itaparica.



Na Igreja Batista, são executados trabalhos de reintegração de dependentes

Levando a vida a quem não tem

Há quatro anos o bairro Novo México é realizado um projeto de resgate da cidadania, que recupera dependentes de drogas com objetivo de reintegrá-los à família e à sociedade.

O projeto "S.O.S. Resgate: levando vida a quem não tem" elaborado pela Igreja Batista de Novo México acolhe viciados durante nove meses. Após contar a sua história num primeiro contado com o grupo, o dependente é levado para um sítio em Castelo Branco onde irá participar de atividades de recuperação da sua auto-estima e estabilidade emocional.

Na casa, o dependente é envolvido em todas as atividades. São tarefas domésticas, cultos,

estudos bíblicos, palestras, dinâmica de grupo e terapia ocupacional. Não são utilizados medicamentos, mas existe um acompanhamento de um profissional da área de Psicologia.

O projeto - que sobrevive de doações - baseia-se num reavivamento espiritual do dependente. São nove meses de preparo para uma nova vida. De acordo com o conselheiro do projeto, Jacimar Farias, "a intenção é devolver à pessoa a oportunidade de exercer as atividades sociais".

O principal requisito para participar do projeto é a força de vontade, conforme orientação da equipe.

Depois de se tornar um depen-

dente da maconha, cocaína e crack, U.S. foi incentivado a buscar ajuda no projeto. Morador de uma invasão, ele viveu num ambiente de marginalidade, onde a droga estava à disposição. "A droga me acalmava, me deixando meigo e risonho. Corri da polícia dando eco (tiro) e até roubei", contou.

Há dois meses no projeto, U.S., 24 anos, sente o início de uma transformação, embora não ache fácil aprender a viver em comunidade. Quando sair da casa, U.S. pretende tornar-se um cidadão digno do seu trabalho.

Vinte e seis pessoas participam do projeto por onde já passaram 350 dependentes. O telefone para contato é o 349-2537.

"As pessoas confiam em mim"

"Eu comecei no tráfico em Jundiaí, município de São Paulo, por intermédio de um amigo. Tinha apenas 16 anos, mas já era responsável por depositar no banco o dinheiro do tráfico gerado na boca de fumo próximo a minha casa.

Passei a vender 800 papéletes por dia. Comecei a ganhar tanto dinheiro até abandonar minhas atividades de garçom e motorista. Afinal, ganhava de R\$ 700,00 a R\$ 1.500,00 por dia. O trabalho cresceu e ganhei mais responsabilidade. Passei a ser encarregado de buscar a droga em Mato Grosso.

Comprei moto e carros caros. Tinha uma vida rica. Até então, eu não usava a droga, mas vendia. Certa noite, um amigo me incentivou a 'dar um tirinho'. Na época, eu tinha 20 anos. Comecei uma vez por mês, depois passei a usar semanalmente, diariamente até perder a noção do tempo. Acabaram perdendo a confiança em mim e eu não conseguia mais trabalhar.

Em vez de vender, eu usava. Minha vida se complicou. Cheguei a ser ameaçado de morte. Minha família pobre em relação ao qual nunca me preocupei acabou me ajudando. Pas-

sei a participar de um projeto de recuperação. Mas, logo ao sair do local, reingressei no negócio. Meu pai me aconselhou a buscar ajuda.

Então vim para Vila Velha. Há três meses e 15 dias estou no projeto e tudo mudou. Sinto total liberdade com Deus. Vivo sem medo da polícia ou dos traficantes. Posso fazer com que as pessoas confiem em mim."

Depoimento de J. A., 24 anos, ex-traficante e dependente de drogas que procurou o projeto "S.O.S. Resgate: levando vida a quem não tem"